

## FIEL A SEU MODO

*Conto de Flávio R. Kothe*

Maria Amélia não era especialmente bonita, mas resplandecia saúde no alto dos seus 30 anos. Ia do interior de Goiás para a capital cada semana para assistir aulas na pós-graduação. Parecia comum, mas seios fartos e ancas largas pareciam anunciar uma boa parideira. Os olhos espertos e ternos, o sorriso largo e confiante, pareciam dizer que seria boa mãe.

Não tinha filhos, no entanto. Isso, que para uma boa europeia seria um alívio, para não sobrecarregar o mundo com mais uma irresponsabilidade, era para ela uma acusação, como se não tivesse cumprido um dever. Ela amava o marido e não podia acusá-lo por produzir tão poucos espermatozoides que era quase estéril: quando um gritava, os outros não o escutavam, não sabiam que deviam se sacrificar por ele para que ele tivesse a glória de ser campeão. Todos somos, afinal, filhos de um premiado, talvez de um campeão.

Depois do veredito médico, que deixava transparecer que ele poderia ser pai, Maria Amélia disse ao marido que o útero virado dela também traria dificuldades para engravidar (embora ele já tivesse se revirado há tempos). Sabia que, somadas tais deficiências, mesmo que a chance fosse quase nula, ela dizia que sempre havia esperança, era preciso confiar em Deus. Entre o zero e o quase zero há, no entanto, sempre ainda uma infinidade de números possíveis.

Ela ficou matutando qual seria a sua melhor aposta. Quanto menor a escolha, mais probabilidade se tem de escolher o certo. Quando não havia mais outra opção senão uma, não se tinha mais liberdade, ou melhor, a liberdade se reduzia a escolher o necessário. Não havia mais jeito de errar. O único que restaria a fazer era o que se tinha de fazer. O necessário, sem remorso. Não há erro quando não há escolha.

O casal era bem brasileiro do interior, numa época em que não havia ainda fertilização *in vitro* nem ovelhas clonadas: queria filhos e era otimista. Acreditava que Deus iria ajudá-lo. Os dois rezavam bastante, rezavam até antes das refeições, como se Jeová tivesse colocado maná na mesa, e não o trabalho. Deus estava, no entanto, muito ocupado com explosões galácticas, buracos negros e multiversos, não tinha tempo para os vermes tão pequenos da Terra.

Maria Amélia pensou, então, em apelar para um santo, mas estava difícil achar um santo especializado em fecundação de mulheres, havia algo que o professor de

lógica da faculdade, se soubesse do caso, chamaria de contradição antagônica, aquela do nó górdio, na qual 1 não resolvia 1 e não desatavam o nó. Ser santo não combinava com fecundar mulheres. Mesmo Santo Antônio, quando chamado, disse que tarefa dele era arranjar casório, mas não os depois e os finalmentes. Ele já estava cansado, não trabalhava mais como antigamente, quando havia muitas donzelas cansadas querendo casar.

Não achando santo disponível e especializado, Maria Amélia resolveu apelar para Nossa Senhora do Bom Parto, mas esta – até que foi gentil e apareceu para o eleitorado – disse que o problema era o depois do depois, dar uma ajuda para as parteiras e outra para as parideiras, que tinham de fazer passar uma cabeçona onde mal cabia um pinto. Já quase desesperada, Maria Amélia, com muita vela e devoção, apelou para o Arcanjo São Gabriel. Ele não poderia se recusar a aparecer no interior do Goiás, mais ainda porque tinha sido indicado por Santo Antônio. Afinal, anjo é uma espécie de santo sem carne; arcanjo é até melhor, um anjo promovido a sargento.

Mas o arcanjo da Anunciação se fez de rogado, e muito. Demorou a aparecer. Ele estava acostumado a tratar só com deuses e pessoas de sangue real, não ia querer se degradar com pobres. Já não se faziam mais pobres como antigamente, eles tinham começado a reclamar de tudo. Quando veio, foi só para dizer que tinha largado da profissão, que ele tinha fama de cantar donzelas, mas só tinha feito isso uma vez, e não tinha dado muito certo. Uma rola havia se aproveitado da donzela, acreditando na conversa de que, dando, daria a salvação à humanidade, mas a história só havia provado cada vez mais que se estava longe disso.

Desde que havia começado a se preocupar por não conseguir engravidar, em vez de se sentir aliviada por isso, Maria Amélia havia montado um pequeno altar para a Sagrada Família. Lá estavam Maria, José e o Menino Jesus, mais umas ovelhinhas, uma vaca e um jumento de gesso. Cada noite antes de dormir ela passou a rezar ajoelhada diante desse altar. Cada noite a reza se tornou mais longa e insistente, até que uma vez, altas horas, enquanto ouvia os roncos do marido no quarto ao lado, pareceu-lhe ouvir um “psiu!”. Extasiada, olhou para o rosto do São José e pressentiu um sorriso amigável percorrer seu semblante. Animada, contou a ele o que desejava e concluiu:

– Me ajuda, seu São José, vocês são a Sagrada Família!

A resposta veio num misto de cansaço e irritação:

– Sagrada Família!? Eu, um corno; a mãe, uma safada que dava pro sumo-sacerdote Zacarias no templo; esse baixinho, um filho da mãe! No México todo José é um Pepe, de PP, pater presumptus, pai presumido, pai presunto...

– Como o senhor ousa dizer isso! – reclamou Maria, já não se sabia mais qual delas.

– Ora, me obrigaram a casar com Maria, que era uma virgem do templo, e eu não tinha nem o direito de tocar nela. Todo ônus sem nenhum bônus. Quando a barriga dela começou a aparecer, Zacarias perdeu a fala com o milagre, se fingiu de mudo. Fiquei dois anos fora de casa trabalhando em outras cidades, quando voltei ela toda embuchada! Dei um pau nela! Ela chorou como nunca mostraram. Veio um mensageiro do templo com o recado de que eu era para calar e desaparecer. me mandaram pro Egito. Mas Zacarias cuidou depois da educação do filho dele. Por isso com doze anos já podia discutir com os doutores do templo. Era um garoto esperto, aprendi a gostar dele. Ensinei pra ele a profissão de marceneiro, ele fazia cruzeiros e credos. Quando ele cresceu, queriam que ele se tornasse líder dos judeus contra os romanos, contra os judeus ricos, contra os sacerdotes que mataram Zacarias, mas ele não queria nada com política nem com guerra. Acabaram com ele.

– E quem vai me ajudar então? O senhor não vai me ajudar não?

– Nunca me ajudaram quando precisei, sempre se aproveitaram do meu medo e da minha pobreza. Por que eu iria ajudar?

Amélia olhou ainda para a Virgem Maria, mas esta continuou calada, toda embevecida a olhar a cria que lhe tinha saído das entranhas.

Maria Amélia, sentindo-se abandonada por todos os anjos e santos, sem ver saída, decidiu apelar para o capeta, que também se fez de rogado. Só apareceu de madrugada, numa noite de lua cheia, enquadrado pelo peitoril da janela, segurando e acariciando o rabo para lá e para cá com as mãos. O conselho dele foi simples, claro e rápido:

– Arranja um homem bonito, forte e inteligente. Vai pra cama com ele. Só precisa abrir as pernas e gritar um pouco...

– Mas eu não posso trair o meu marido!

– Ora, não traia então. Fica pensando nele na hora H, como a Virgem Maria pensava no sumo sacerdote Zacarias.

– Eu não sou tão velha assim, para saber essas coisas.

– Eu, que sou eterno e sempre ressurjo, estou, porém, afirmando.

O conselho deixou Maria Amélia mais sossegada. Quando via, ela se pegava cantando enquanto tirava a poeira dos móveis. Ela não iria se expor à língua suja do povo tendo um caso com um boiadeiro do interior. Para isso ela era professorinha demais. Procurou na capital, entre os colegas de faculdade. A maioria era feita de mulheres, dava até para falar: as colegas. Muitas queriam ser homens, e não gostavam de homens. Os rapazes queriam rapazes.

Estava difícil achar um homem com os predicados exigidos pelo capeta. Não se faziam mais homens prendados como antigamente. Os inteligentes não queriam compromisso com mulheres; bonitos eram mais raros do que santos; quanto à inteligência, era muito difícil ver algum brilho no olhar de alguém. Ela começou a ficar com raiva do diabo. O que ela havia dito para fazer era coisa mesmo do capeta.

Acabou sobrando mesmo só um: o professor. Ele foi devidamente cantado por ela, sem que ela explicasse o que ela queria: uma inseminação ao natural. Mas esse professor era cheio das éticas: não podia se envolver com aluna, tinha de guardar a grande respeitabilidade da profissão, se fosse pego com uma aluna podia perder o emprego ou outros alunos poderiam falar ou, pior ainda, querer o mesmo, etc. e tal. Maria Amélia teve de esperar pacientemente até o semestre acabar, por sorte coincidindo com seu período fértil. Já no terceiro encontro, ele disse que era melhor pararem, já que ela parecia uma múmia sem bandagens, para não dizer uma tábua com um buraco no meio.

Oito meses depois Maria Amélia deu à luz uma menininha de olhos verdes, que o marido jurava serem os olhos da bisavó dele. Assim se sentiram completos e felizes. A menina cresceu faceira e feliz. Se “matre sempre certa, patre sempre incerto”, pai é quem cria. O professor saiu do lugar, nunca mais ninguém ouviu falar dele. O doutor não entendeu nada do que havia se passado. O capeta sorriu satisfeito, sabendo que mais uma vez o único justo havia sido ele. Sabia também o preço que tinha a pagar por seu senso de justiça: ser amaldiçoado por todos. Talvez ele fosse, porém, mais santo que os santos.